

5

Conclusão

*As mãos que tocam o hoje
tocam o mistério
que se revela
para que os lábios se abram
para que a criação continue
e passeie diante de nossos olhos
risonha...*
Rosemary Costa

Iniciamos este trabalho trazendo o tema da evangelização como mandato missionário deixado por Jesus Cristo aos seus discípulos, sua pertinência em todos os tempos, e neste em que estamos vivendo, perpassado por fortes mudanças paradigmáticas que suscitam uma revisão no processo de transmissão da fé.

A fé cristã possui um papel específico na realidade e por que não dizer um compromisso. Nesse sentido, é tempo de um apostolado cristão que conheça as condições objetivas, as necessidades fundamentais e os desejos profundos da pessoa humana e das comunidades, para dirigir-lhe uma palavra inteligível e fecundante de uma nova vida, à luz do projeto salvífico do Senhor.

Sendo assim, em nossa primeira etapa nos dedicamos às mudanças provenientes do processo da modernidade, sua crise e revisão paradigmática, conhecida como pós-modernidade. Um tempo paradoxal para o Cristianismo, pois encontra, nesta mesma realidade, elementos de profunda humanização convivendo e conflitando com questões de desumanização, injustiça e crise existencial, sócio-econômica e política. Por isso mesmo, o projeto de evangelização se defronta com inúmeras interpelações na sua prática pastoral e na sua inserção na sociedade.

Para atender a nosso objetivo, não nos detalhamos nas discussões acerca da modernidade para a filosofia e para a história, porém, por meio desse diálogo, nos orientamos para um conceito amplo de modernidade, como conceito epocal, aberto ao futuro, mas gerado a cada momento do presente. Um tempo marcado pela transição, em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade, num processo de evolução histórica e de crescimento da noção de pessoa humana, rumo à sua plena realização.

Nos situamos frente à complexidade da modernidade, tendo como pressuposto teológico a antropologia judaico-cristã, na sua visão integral do ser humano, chamado a ser pessoa, interpelado pela experiência dialógica com Deus. Experiência que se concretiza na plenitude do amor-serviço aos irmãos, em harmonia consigo mesmo e com o universo. Na tradição bíblica, ser pessoa é ser original e único, mas é também ser relação. Será na relação que a identidade e a originalidade da pessoa se constituirá, na relação consigo mesmo e na alteridade, na abertura ao outro, ao mundo, a Deus. Ser pessoa é, assim, uma experiência dinâmica, ao mesmo tempo profunda, porque busca o autoconhecimento e a interiorização, mas também, aberta à relação, com suas alegrias e vicissitudes.

Para essa reflexão foi fundamental recordarmos que a nossa fé é trinitária, e portanto também devem se aproximar da comunhão trinitária nossa ação evangelizadora e nossa vida, envolvidas nesse diálogo de amor e da vida de Deus Pai, que se aproxima de nós por seu Filho e seu Espírito, e que nos convida a responder a essa oferta pelo mesmo caminho. Afirmar este protagonismo do Deus trino que quer comunicar amor e vida é o primeiro passo para a abertura pessoal à experiência mistagógica que nasce do coração de Deus e orienta a experiência de fé a cada momento.

Ao considerarmos a pessoa humana a partir da visão judaico-cristã percebemos que a relação entre subjetividade e experiência cristã está abalada. Neste aspecto encontramos alguns pontos de conflito que destacamos a fim de estabelecer o diálogo proposto entre a evangelização e a modernidade. Ressaltamos a experiência de fragmentação e de ausência de perspectivas na construção da subjetividade humana, a visão individualista que entra em confronto com o projeto de humanização e integração da fé cristã, o enraizamento imprescindível para o seguimento de Jesus Cristo frente à crise que a modernidade passa com relação às tradições e a denúncia que a própria modernidade faz à ausência de gestos fraternos que sinalizem a ação salvífica de Deus na história da humanidade.

No entanto, mesmo tendo presente as situações de conflito, pudemos avaliar que esta realidade também apresenta aspectos que estão de acordo com o anúncio cristão e favorecem o projeto de evangelização. Esta polaridade nos conduziu a um discernimento crítico, a fim de afirmarmos valores e situações que promovem a humanização e a buscarmos a superação das condições que não

atendem ao projeto anunciado por Jesus Cristo. Para exemplificar, vimos que no campo das ciências humanas surgem reflexões profundas que se fazem parceiras imprescindíveis na missão cristã, pois consideram a abertura para o outro e para a outra, para o meio ambiente e para o cosmos, para o encontro com o Transcendente, como único caminho para a realização do projeto de humanização.

Neste aspecto, tratamos especialmente do tema da experiência, tema privilegiado na dinâmica da evangelização, que possui sua fonte originária na experiência de um Deus que é relação de comunhão e alteridade e que orienta seus filhos e filhas para a realização pessoal e social por meio desta experiência relacional.

A partir destas reflexões percebemos que, longe de desanimarmos frente à tarefa da evangelização no mundo de hoje com suas inúmeras interpelações, encontramos muitas fontes e sinais que nos estimulam e nos dizem que a pessoa humana, coração da Criação, imagem e semelhança de Deus, experimenta o emergir de uma nova subjetividade, com uma dinâmica que traz consigo a gênese de muitas mudanças pessoais, comunitárias e, principalmente, históricas. Emerge uma subjetividade que considera o ser humano de maneira integrada, em suas muitas dimensões, vivendo em um sistema complexo de relações com o mundo e com as pessoas. É uma subjetividade que se abre para a relação dialógica. Neste sentido, podemos afirmar que estamos diante de um momento privilegiado para a evangelização, em que a subjetividade está aberta a novas experiências estruturantes e que se dá conta de que é o encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo que a conduzirá à realização.

Refletindo nessa direção, observamos a necessidade de uma parceria fundamental no que concerne à evangelização: uma articulação entre o saber teológico e a ação pastoral-pedagógica, ou seja, entre o conhecimento específico de cada um desses saberes enquanto caminho profícuo na busca de respostas eficazes para a missão de evangelizar.

O aprofundamento desta proposta de diálogo e articulação entre a teologia e a ação pastoral-pedagógica nos conduziu à segunda parte deste trabalho, na qual trabalhamos a experiência de evangelização dos primeiros séculos, especificamente a iniciação cristã. Devido à amplitude deste tema e ao objetivo desta pesquisa, nos situamos na experiência mistagógica, sistematizada nos séculos III e IV pelos Padres da Igreja.

A mistagogia, pedagogia do Mistério, nos alcança como o coração e razão de ser deste trabalho. É uma experiência que se revela na relação de comunhão da Trindade, na caminhada do povo de Deus, na pedagogia de Jesus, na evangelização apostólica. O Espírito de Deus é o pedagogo da fé, aquele que conduz e inspira a caminhada pessoal e comunitária.

Desde os primórdios da caminhada da Igreja, encontramos o anúncio do *kerigma*, razão de ser da nova proposta salvífica que surge da experiência de encontro com Jesus, vivida pelos apóstolos, testemunhada e anunciada por seus seguidores e discípulos. Este anúncio veio acompanhado pelo testemunho dos discípulos, os primeiros a anunciarem a Boa Nova de Jesus Cristo. Esta é uma parceria que reflete o caminho mistagógico, no sentido de que, o anúncio evangélico não era transmitido como uma adesão intelectual, mas com o ardor daqueles que experimentavam na própria vida o mistério pascal. Tornavam-se, mais do que anunciadores, testemunhas do Mistério.

Ser testemunha já é parte fundamental na dinâmica de comunicação da verdade de fé. O testemunho é percebido através da adesão pessoal ao Evangelho, que se reflete nas atitudes, na postura existencial, na experiência de fé que se faz palpável, realidade. Por isso, com base nesta experiência aquele que anuncia e testemunha, também convoca para a ela. O fundamental é que o mistério pascal de Cristo se torne realidade na experiência pessoal e transborde nas experiências relacionais e sociais. Não há dúvidas de que a evangelização não se esgota no anúncio, sem que haja a assimilação do seguimento de Cristo concretizada em atos e relações.

Sendo assim, o processo de evangelização e a iniciação cristã não são fins em si mesmos, são meios. São momentos privilegiados e fundamentais nesse processo, porém supõem um caminho, uma preparação e uma vivência existencial. Enquanto mediações necessitam estar atentos e abertos à escuta permanente da dinâmica da Revelação na experiência pessoal e comunitária, na Palavra revelada nas Escrituras, na Tradição, no Magistério da Igreja e nas interpelações que a sociedade apresenta.

A situação histórica possui, com efeito, valor teologal e teológico. Constitui um verdadeiro lugar para a Revelação de Deus a cada época. Através dessa situação

o Espírito de Deus segue falando aos homens de todos os tempos e às Igrejas em que estão congregados os crentes¹.

Em decorrência disso, a ação evangelizadora pressupõe também o conhecimento das condições para que este processo se implemente na vida pessoal e na vida comunitária. É uma dinâmica dialogal, incessante, que exige o discernimento quanto aos conteúdos essenciais a serem transmitidos, mas também quanto à metodologia, linguagem e procedimentos adequados para atender à realidade das pessoas, grupos, comunidades, contextos culturais e sociais que se apresentam.

Na trilha desta orientação catecumenal, vimos que a experiência mistagógica, vivida de maneira privilegiada na Igreja dos primeiros séculos, nos apresenta elementos fundamentais para a ação evangelizadora atual. Longe de ser uma proposta defasada com a realidade, a catequese mistagógica reúne princípios teológicos e princípios pedagógicos que em muito auxiliam a compreensão da dinâmica da iniciação cristã e que não podem deixar de estar presentes.

Passamos, portanto, a trabalhar no campo da evangelização da Igreja primitiva, um período vivo, inicial, basilar, rico de formas de anúncio e de experiências cristãs, dentre as quais emerge o catecumenato. Se, numa abordagem inicial, podemos verificar que no catecumenato primitivo a mistagogia era considerada como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã, ao aprofundarmos a pesquisa constatamos que, mais do que um período específico na formação, a mistagogia era o princípio orientador e o próprio movimento que conduzia este processo.

A mistagogia era a base para uma orientação catecumenal específica, que dirigia continuamente os fiéis para a leitura, a interpretação e para a celebração da Palavra de Deus e da morte e ressurreição do Senhor não apenas como mais um conteúdo catequético, mas como mistério que penetrava toda a sua vida pelo Espírito de Deus. Permitia, dessa forma, a compreensão e a celebração dos mistérios da fé cristã com uma assimilação total que abarcava todas as dimensões da pessoa e reorientava seu plano de vida. Portanto, para que a Igreja, nos séculos III e IV, chegasse à estrutura e às características presentes na sua experiência

¹ VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, op. cit., pp. 8-9.

catecumental, o que a orientava não era apenas uma busca metodológica, mas a inspiração mistagógica, ou seja, a abertura de todo o processo de evangelização ao Espírito do Senhor.

Nesse período, a Igreja vive a conhecida idade de ouro da catequese. Segundo o testemunho da Igreja, neste período inicial, o catecumenato era tratado como caminho, requeria atenção, tempo, visava modificar a vida de quem aderira à fé cristã, integrava-o progressivamente na comunidade, familiarizava-o com a Sagrada Escritura, levava-o a descobrir a centralidade de Jesus Cristo. Era um caminho que envolvia toda a comunidade, responsabilizando-a e comprometendo com o acolhimento e acompanhamento dos iniciantes. Uma experiência progressiva, que se preocupava não apenas com os conhecimentos doutrinários, mas, principalmente, com o aspecto existencial da pessoa que desejava participar da fé cristã.

É nesta orientação fundamental que se inserem os princípios teológicos e os princípios pedagógicos que estruturavam a experiência catecumental, assim como a integração entre fé e vida presente em todas as fases do processo de formação e de acompanhamento dos fiéis.

Ao resgatarmos a experiência mistagógica e a orientação dos Padres da Igreja nos colocamos no dinamismo da fé peregrina rumo à luz maior. Na verdade, é este mesmo o impulso fontal da teologia:

O conhecimento da fé expressa a necessidade de dizer a luz obtida, não para fazer cessar a busca, mas para dar-lhe um apoio que a ajude a comunicar-se e ir avante. A fé, início da teologia, é também o seu limite inexorável, que sempre denuncia sua provisoriade e recorda o seu caráter de balbúcio do Mistério, sempre ainda aberto às surpresas de Deus².

A experiência mistagógica vem retomar a dinâmica de abertura ao Mistério nos apontando elementos fundamentais para o diálogo com a subjetividade moderna e com os desafios que vêm se apresentando à evangelização. Este é o tema central do nosso terceiro capítulo de trabalho, onde buscamos, através do resgate dessa experiência fontal, confirmarmos a importância de uma ação pastoral-pedagógica fundada nos princípios que nortearam a Igreja dos primeiros séculos, não como uma repetição mecânica

de um processo distanciado em muito na história, mas como eixo orientador, como chave de compreensão e de revisão da ação evangelizadora atual.

A reforma litúrgica impulsionada pelo concílio Vaticano II já destacava a importância de conduzir os fiéis ao Mistério como um objetivo irrenunciável. Diz a *Sacrosanctum Concilium*: “A santa Madre Igreja deseja ardentemente que se leve a todos os fiéis àquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas que exige a natureza da liturgia mesma”. A razão aparece um pouco mais adiante: “porque esta participação é a fonte primária e necessária em que hão de beber os fiéis o espírito verdadeiramente cristão”³.

A ação evangelizadora vem buscando renovar-se à luz das orientações do Magistério e do diálogo com os novos tempos. A experiência mistagógica nos lembra que a participação dos fiéis na dinâmica pastoral e sua inserção eclesial deve ser acompanhada desde a iniciação, e buscar uma participação frutuosa, interna e externa, na qual o fiel se deixe configurar com Cristo ressuscitado, pela ação do Espírito Santo.

A experiência de Deus não se dá de maneira dispersa, distraída, dissipada no esquecimento sistemático de si mesmo. A mistagogia nos fala de que o encontro com Deus supõe um caminhar, uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, na mais profunda intimidade e, na densidade desta experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus. É uma experiência que leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida, ou pretender realizar-se por si mesma, e que a conduz a abertura ao Mistério que se oferece e que a faz ser.

Nisto consiste a radical confiança, nisto consiste a fé. Tal confiança contém, por uma parte, um radical descentramento produzido pela aceitação de ser desde outro e não dispor da própria existência. Sem tal descentramento, sem tal transcendimento é impossível o reconhecimento de Deus como ser supremo, como a origem permanente de minha vida⁴.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, nos coloca diante de

² FORTE, B., op. cit., p. 58.

³ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, 1965, n. 14.

⁴ VELASCO, J. M., op. cit., p. 40.

Deus e, a partir desta centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, sejam os agentes da evangelização, os destinatários, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Tornamo-nos não os primeiros agentes, mas os colaboradores do Espírito, e responsáveis em auxiliar as pessoas e comunidades no crescimento de sua vida em Cristo.

A mistagogia é muito mais que apenas comunicar, informar ou formar. É assumir a experiência do encontro com Deus como caminho de abertura ao Mistério, é fazer descobrir os sinais de Deus presentes na história e na vida, é redescobrir Deus na própria vida, na intimidade do coração. É também saber-se responsável, pois cada um é confiado ao outro, como irmãos na mesma caminhada. É fazer a caminhada da resposta de vida à proposta salvífica, e ser responsável diante de si mesmo, diante de Deus e diante dos outros, numa experiência de integração e de humanização.

Em termos de experiência comunitária, a mistagogia aponta para a aceitação da originalidade e da pluralidade de cada pessoa presente na estrutura, da cada grupo, com sua história e cultura. Essa aceitação se traduzirá em um diálogo permanente entre as pessoas, como também entre estas e a estrutura de evangelização, seus conteúdos, instrumentos, metodologia. Um diálogo em que todos estão dispostos a deixar-se enriquecer mutuamente, ao mesmo tempo em que se acompanham fraternalmente, sensíveis à experiência de Deus que imprime novas dimensões e novos rumos ao itinerário da evangelização.

Na evangelização apostólica não podemos demarcar métodos ou uma estrutura catecumenal, mas podemos sim encontrar uma chave de leitura comum: o ardor da experiência pascal que aquecia o coração do grupo e os movia de dentro para fora a evangelizar. Por isso mesmo, cada discípulo tornava-se testemunha e, assim, um novo evangelizador. Responder ao *kerigma* era mudar de vida, não uma resposta intelectual ou emocional, mas que tocava a consciência, iluminava o entendimento, submetia a vontade e transformava a vida subsequente em uma nova vida, uma nova criatura, como dizia São Paulo.

Nessa mesma trajetória se inseriu a experiência do catecumenato primitivo. Muito atento a uma adesão que se firmasse no coração e que se tornasse um novo referencial para a vida concreta, coerente com o anúncio da Boa Nova. Na mistagogia, a expressão mais adequada da conversão do coração se manifesta

na adoção de uma forma de vida que reproduza a vida de Jesus em que Deus se revelou a nós, ou melhor, a experiência da fé em Jesus Cristo se consuma no seguimento de Jesus.

A abertura à dinâmica da Revelação e da fé, própria da mistagogia, estabelece uma relação dialógica constante, que principia na escuta da Palavra e na experiência do Mistério e se abre ao diálogo com todos ângulos dessa dinâmica relacional convidando à resposta que se traduz em vida nova.

Enfim, é a partir do resgate da experiência mistagógica que nasce a parceria entre a teologia e a ação pastoral-pedagógica que nos propusemos apresentar neste trabalho. Trazemos uma reflexão que venha auxiliar o processo de evangelização atual, na esperança de que seja elucidativo quanto aos caminhos que podemos trilhar para que o seguimento de Jesus se torne não apenas norteador para a pessoa humana, mas que efetivamente, forme comunidades solidárias no discipulado, no anúncio, no testemunho e na missão de levar a Boa Nova do Reino de Deus a toda a humanidade.

Após percorrermos a trajetória desta pesquisa, estamos convencidos de que a experiência de evangelização atual não pode perder de vista as suas raízes, seu ponto de partida, o que lhe dá identidade e consubstanciação. O processo de evangelização necessita estar atento à proposta que o gerou e que lhe dá sentido, uma proposta que visava exatamente o anúncio salvífico transformador e fecundante de uma nova vida, que vai ao encontro do plano de Deus para todos os seus filhos e filhas.

Buscamos identificar com este trabalho as raízes que devem estar presentes na evangelização como um todo. Na experiência mistagógica encontramos a sustentação, a seiva que nutre incessantemente a tarefa de evangelizar, e a orienta em seu diálogo permanente com a vida.

Alguns projetos sociais ou políticos podem se queixar de falta de clareza quanto aos seus procedimentos, ou mesmo, da carência de um projeto de humanização em um tempo de tantas incertezas e vulnerabilidade da pessoa humana. No entanto, precisamos ser fiéis e firmes na convicção que nos é transmitida pelo Espírito de Deus, de que este não é o caso do projeto cristão. Experimentamos sim, muitos desafios e conflitos nestes tempos de revisão do projeto de pessoa, tantas vezes tendendo mais para o individualismo do que para a relação dialógica que a humaniza. Contudo, não podemos nos deixar abater pelo

ceticismo e pela desesperança, mas, ao contrário, apuramos o nosso olhar e sensibilidade para os sinais da presença de Deus, fiel e amoroso, que vai permeando a história e a cultura e se revelando em experiências libertadoras. Não estamos com isso, assumindo uma postura ingênua ou condescendente, e sim o olhar teológico que além de se fundamentar na fé de que Deus não abandona sua Criação, e que sobre ela derrama incessantemente a sua Graça, busca conhecer e interpretar a realidade, percebendo os caminhos que a humanidade vai trilhando de abertura ao sopro do Espírito, que a conduz ao encontro pleno com Aquele de onde vem e para onde vai.

Concluimos este trabalho, com as palavras do Papa João Paulo II, na sua Mensagem por ocasião do Dia Mundial da Paz, confirmando a premência de que a religião seja força propulsora de uma nova humanidade:

A religião possui uma função vital para suscitar gestos de paz e consolidar condições de paz, podendo desempenhá-la de forma tanto mais eficaz quanto mais decididamente se concentra naquilo que lhe é próprio: a abertura a Deus, o ensino da fraternidade universal e a promoção duma cultura solidária⁵.

Em comunhão mistagógica, com o Deus Trindade que se revela paciente e amorosamente aos seus filhos e filhas ao longo da história da humanidade, registramos a alegria que se renovou a cada passo da trajetória deste trabalho. Nesta caminhada encontramos muitos sinais da presença da Graça de Deus orientando a ação evangelizadora da comunidade cristã aberta à sua dinâmica e suscitando em cada um de nós o compromisso de prosseguirmos com fidelidade e responsabilidade o mandato missionário confiado por Jesus Cristo aos seus discípulos e discípulas.

⁵ JOÃO PAULO II, Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz, 1º. de janeiro de 2003, *Pacem in Terris: um compromisso permanente*, n. 9, disponível em <http://www.arquidiocese.org.br/paginas/jp2003.htm>, acesso em 6 fev. 2003.

6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1. SAGRADA ESCRITURA

Bíblia de Tradução Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994

6.2. DOCUMENTOS DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica. 1992, Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulinas/Ave-Maria/Loyola, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*. 1965, n. 1505, Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Documentos do Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*. 1965, Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. 1965, Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja*, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã – Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. Documento de Santo Domingo, 1992.

_____. *Grandes temas de Santo Domingo*. Santafe de Bogota, DC : CELAM, 1994.

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA. *La iniciación cristiana*. Disponível em <http://www.conferenciaepiscopal.es/documentos>, acesso em 4 set. 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação, Igreja e Sociedade*. Doc 47, São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. 1999-2002, São Paulo: Paulinas, 2000.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*. 1978, São Leopoldo: Loyola, 1979.

_____. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. 1979, São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. *Carta Encíclica Dives in Misericórdia*. 1980.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifidelis Laici*. 1988.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 1990, São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Carta Encíclica Centesimus Annus*. 1991, São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. 1998, São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Discurso aos bispos provenientes da região noroeste do Canadá em visita "ad limina"*. Em 30 de outubro de 1999, disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii, acesso em : 6 dez. 2002.

_____. *Audiência sobre a Peregrinação Jubilar seguindo os passos de Paulo*. 2001, disponível em : http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii, acesso em: 10 jan. 2003.

PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*. 1964, São Paulo: Paulinas, 1964.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 1975, Petrópolis: Vozes, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO e CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e Anúncio*. 1991, São Paulo: Paulinas, 1996.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*. 1971, São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Diretório Geral para a Catequese*. 1997, São Paulo: Paulinas, 1997.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.

6.3. FONTES PATRÍSTICAS

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Trad. de Frederico Vier, introd. Fernando Figueiredo, Petrópolis: Vozes, 1977.

CLEMENTE DE ROMA. *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios*. Disponível em <http://sites.uol.com.br/agnus.dei.2002>, acesso em 13 jan. 2003.

CYRILLE DE JÉRUSALÉM. *Catécheses Mystagogiques*. Introd., texte critique e not. de A. Piédagnel, Paris: Du Cerf, 1966.

Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos. Introd., trad. do original grego e comentário de Urbano Zilles, Petrópolis: Vozes, 1983.

FUENTES PATRÍSTICAS. *Irineo de Lion. Demonstración de la Predicación Apostólica*. Introd., trad. e notas de Eugenio Romero Pose, Madrid: Ciudad Nueva, 1992.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Trad. da versão latina e notas por Maria da Glória Novak, Petrópolis: Vozes, 1971.

Padres Apostólicos. Introd., notas e versão espanhola de Daniel Ruiz Bueno, Madrid: BAC, 1974.

SANTO AGOSTINHO. *A Instrução dos catecúmenos*. Trad. original latino e notas por Maria da Gloria Novak, introd. Hugo Paiva, Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Confissões*. In Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

6.4. BIBLIOGRAFIA GERAL

ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972.

ANTONIAZZI, A. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

AZEVEDO, M. C. *Modernidade e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1981.
 _____. Não-moderno, moderno e pós-moderno. In *Revista da Educação da AEC*. Ano 22, no. 89, 1993.

BACARINI, E. Franz Rozenzweig. O “novo pensamento” como narração da experiência de Deus. In PENZO, G. e GIBELLINI, R. (org.) *Deus na Filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

BARTHOLO, R.J. *Você e Eu, Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BAUM, G. A modernidade: perspectiva sociológica. In *Modernidade em discussão*. Concilium/244-1992/6, Petrópolis: Vozes, 1992.

BENEDETTI, L.R. A experiência no lugar da crença. In ANJOS, M.F. (org) *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998.

BENOIT, A. *A atualidade dos Pais da Igreja*. São Paulo: Aste, 1966.

BERNOUILLI, M. Discípulo. In ALLMEN, J. (dir.), *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1972.

BIEMER, G. Catequese. In EICHER, P. (dir.), *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

BIHLMAYER, K. e TUECHLE, H. *História da Igreja*. Vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964.

BINGEMER, M.C.L. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *A identidade crística*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. A alteridade e seus caminhos. In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

_____. Saber, sabor e sabedoria. In BUARQUE, C. et al. *Fé, Política e Cultura*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. A Sedução do Sagrado. In CALLIMAN, C. (org.) *A Sedução do Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem, 2002.

BOFF, C. Conselhos a um jovem teólogo. In *Perspectiva Teológica*, n. 33, Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. *A Trindade e a sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOLLIN, A. e GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOSCH, D. J. *Missão transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUNGE, G. *La paternità spirituale*. Magnano: Edizione Qiquaion, 1991, disponível em: <http://www.mclink.it/personal>, acesso em: 18 out. 2002.

CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CATÃO, F. Teologia e experiência. In ANJOS, M.F. (org.) *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998.

COLLINS, G. Experiência. In *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Santuário, 1994.

COSTA, R. F. As Cruzadas. In BINGEMER, M. C. L. (org.) *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001

COX, H. *La religión en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984.

CURA ELENA, S. Concílios. In PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

_____. Símbolos da Fé. In PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

DANIÉLOU, J. *Sacramentos y culto segun los Santos Padres*. Trad. Mariano Herranz y Afonso de la Fuente, Madrid: Guadarrama, 1964.

DENZINGER, E. *El magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1995.

FEDERICI, T. La Santa Mistagogia permanente de la Iglesia. In PHASE 193, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1993.

FERRARO, B. Teologia em tempos de crise. In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

FOLCH GOMES, C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979.

FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelizacion*. Quito, Equador, CELAM/IPLA, 1970.

GELABERT, M. Experiência. In PIKAZA, X. e SILANES, N.(dir), *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

_____. *Valoración cristiana de la experiencia*. Sigüeme, Salamanca, 1990.

GOMES, F. J. S. A Igreja e o Poder: representações e discursos. In RIBEIRO, M.B. (org.) *A vida na Idade Média*. Brasília, UNB, 1997.

GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Los cristianos del siglo XXI*. Santander: Sal Terrae, 2000.

_____. *Evangelizar en un mundo post cristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993.

GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Desafio da Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995.

GRANADO, C. Padres antioquenos. In PIKASA, X. e SILANES, N. (dir), *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HOORNAERT, E. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961.

_____. *Paideia. A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira; adaptação para a edição brasileira Mônica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza, 3^a. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997

LA BROSSE, O.HENRY, A. e ROLLARV, P. (dir.) *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, Santuário e Porto, Editorial Perpétuo Socorro, original francês de 1989.

LANGER, W. Ensino religioso. In EICHER, J. (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

LEVINÁS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, Milão, 1980.

LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Itinerário de fé hoje. A propósito da teologia da fé, in HACKMAN, G. *Sub umbris fideliter*. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999

_____. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBANIO, J. B. e MARTINS FILHO, M. *A busca do sagrado*. São Paulo: FTD, 1991.

LIMA JÚNIOR, J. *Evangelização, catequese e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

LIMA, M. L. C. *Igreja em Missão*. Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Paz, 2002.

MAÇANEIRO, M. *Eros e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, A. D. Crenças e motivações religiosas, in SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

METTE, N. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, M.F. A Experiência cristã e suas expressões históricas. In ANJOS, M.F. (org) *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Um Homem perplexo*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. *Libertados para a práxis da justiça*. São Paulo: Loyola, 1980.

MISTRORIGO, A. Mistagogia. In *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977.

MOLARI, C. A comunidade eclesial como sujeito hermenêutico. In *Concilium* n. 133, Petrópolis: Vozes, 1978.

MOLTMAN, J. *Trinidad y Reino de Dios*. Sigueme, Salamanca, 1986.

MURAD, A.e MAÇANEIRO, M. *A Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999.

NOCKE, F. Doutrina geral dos sacramentos. In SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. vol 2, Petrópolis: Vozes, 2000.

PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999.

PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Santander: Sal Terrae, 1991.

PALÁCIO, C. Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica? In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

PEDROSA, V. Catequese Trinitária. In *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.

PEUKER, H. Crítica Filosófica da Modernidade. In *Modernidade em discussão*. Concilium/244-1992/6, Petrópolis: Vozes, 1992.

POWER, D. N. A experiência de Deus na liturgia cristã. In JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al. *Deus: experiência e mistério*. Concilium 289, 2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001.

QUASTEN, J. *Patrologia I. Hasta el concilio de Nicea*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1977.

_____. *Patrologia II. La edad de oro de la literatura Patristica Griega*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1977.

QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000.

QUELQUEJEU, B. e JOSSUA, J. Experiência. In EICHER, P. (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, 1993.

RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.

RUBIO, A.G. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo, Paulinas, 1994.

SAEZ, J. L. Catecumenato. In *Dicionário de Espiritualidade*. FIORES, S. G. T. (org.) São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Catecumenado e inspiracion catecumenal*, disponível em: <http://www.mistagogia.com/newpage35.htm>., acesso em: 16 set. 2002.

_____. La pedagogía del ritual de ordenes en la iniciación de los candidatos. In PHASE 139, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1984.

SANTANA, L.F.R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998.

_____. *Batizados no Espírito. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

SCANNONE, J. C. O debate sobre a modernidade no mundo do Atlântico Norte e no Terceiro Mundo. In *Modernidade em discussão*. Concilium/244-1992/6, Petrópolis: Vozes, 1992.

SOBRERO, J. Catequesis Mistagógica: un modelo del siglo V para hoy. In PHASE 195, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, 1993.

SUNG, J. M. *Experiência de Deus: ilusão ou realidade?* São Paulo: FTD, 1991.

TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001.

VALLE, E. Experiência religiosa: enfoque psicológico. In BRITO, E. e GORGULHO, G.(orgs.) *Religião Ano 2000*, São Paulo: Loyola, 1998.

VATIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VAZ, H. C. L. A linguagem da experiência de Deus. In *Escritos de Filosofia I, Problemas de fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986.

_____. A Experiência de Deus. In FREI BETTO et al., *Experimentar Deus hoje*, Petrópolis, Vozes.

VASQUEZ, U.M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001.

VELASCO, J. M. *La experiencia cristiana de Dios*. Madrid: Trotta, 1996.

_____. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002.

VERGOTE, A. *Amarás al Señor tu Dios. La identidad cristiana*, Sal Terrae: Santander, 1999.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.

WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.

WIEDENHOFER, S. Eclesiologia. In SCHNEIDER, T. (org.), *Manual de Dogmática*, vol. II, Petrópolis: Vozes, 2000.

WITTSCHIER, S. *Antropología y teología para una educación cristiana responsable*. Santander: Sal Terrae, 1979.

ZILLES, U. *Jesus Cristo. Quem é este?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

6.5. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALDAZABAL, J. Dimensión Pascual y Pedagogia mistagógica de los sacramentos según el Catecismo de la Iglesia Católica. In PHASE 201, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1994.

_____. El espacio de la Iglesia y su pedagogia mistagógica. In PHASE 193, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1993.

ALMEIDA, A. J. Os desafios dos novos paradigmas para a prática teológica. In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

AMALADOSS, M. *Missão e Inculturação*. São Paulo; Loyola, 2000.

ANJOS, M. F. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996.

ASSMANN, H. Paradigmas ou cenários epistemológicos complexos? In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

BARROS, M. *O Sonho da paz*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CÉSAR, E. E. B. *A prática pedagógica de Jesus, fundamentos de uma filosofia educacional*. Editora Agentes de Missão e COGEIME, 1991.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Cristianismo e as religiões*. São Paulo: Loyola, 1997.

CONGAR, Y. *Diálogos de Outono*. São Paulo: Loyola, 1990.

ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.

FERNÁNDEZ, P. La liturgia en su teoria científica y en su praxis celebrativa. In PHASE, 198, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1993.

FIGUEIREDO, F.A. *Evangelização, conversão e testemunho*. Petrópolis: Vozes/CRB, 1976.

FREYNE, S. Deus como experiência e mistério: a compreensão cristã primitiva. In JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al. *Deus: experiência e mistério*. Concilium 289/2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001.

GONZALEZ, R. La Mistagogia en el ritual de la iniciacion cristiana de adultos. In PHASE 191, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1992.

GREEN, M. Estratégias e Métodos evangelísticos da Igreja primitiva. In *A missão da Igreja no mundo de hoje*. São Paulo: ABU Editora, 1982.

JEANROND, W. G. Revelação e conceito trinitário de Deus: conceitos orientadores do pensamento teológico? In JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al. *Deus: experiência e mistério*, Concilium 289/2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001.

JEDIN, H. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966.

MATEOS, J. e CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

METTE, N. e STEINKAMP, H. *Scienze sociali, teologia pratica*. Trad. Gianni Francesconi, Brescia: Queriniana, 1993.

METZ, J.B. *A fé em história e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

MIRANDA, M. F. *Um Catolicismo desafiado*. São Paulo: Paulinas, 1996

MORIN E. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

_____. *Complexidade e Transdisciplinaridade*. Natal: EDUFRN, 1999.

_____. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo/Brasília, Cortez/Unesco, 2000.

_____. *A Inteligência da Complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

OÑATIBA, I. El “Catecismo de la Iglesia Católica” en comparacion com la “Sacrosanctum Concilium”. In PHASE 194, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1993.

PASCAL, B. *Pensamentos*. In Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

RUBIO, A. G. Prática da teologia em novos paradigmas. In FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Vols 1 e 2, Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHWÖBEL, C. Encontro inter-religioso e experiência fragmentária de Deus. In JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al. *Deus: experiência e mistério*. Concilium 289/2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001.

SEFFRIN, C. A. C. *Catequese e comunidade : estudo teológico pastoral da prática catequética pós-conciliar no Brasil*. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1988.

STOTT, J. R. A base bíblica da evangelização. In *A missão da Igreja no mundo de hoje*. São Paulo: ABU, 1982.

TEIXEIRA, F. *Teologia das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 1995.

THEOBALD, C. “Deus é relação”: a propósito de alguns enfoques recentes do mistério da Trindade. In JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al. *Deus: experiência e mistério*. Concilium 289/2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001.

TRUJILLO, A. L. *Caminhos de Evangelização*. Madrid, BAC, 1985

VARONE, F. *El Dios sadico*. Santander: Sal Terrae, 1988.